

## Manuel Tiago: ou a reincidência ficcionista

Com a recente publicação do romance **A Casa de Eulália**, Manuel Tiago reincide pelos caminhos da ficção, mesmo sabendo-se agora que se trata do pseudónimo literário de Álvaro Cunhal. Concluída a trilogia narrativa composta pelos romances *Até Amanhã*, *Camaradas*, *Cinco Dias*, *Cinco Noites* e *A Estrela de Seis Pontas*, e feito o aviso público de que ficou de uma vez por todas confirmado esse "mistério" de que tais romances foram encontrados "*junto de outros originais, num arquivo formado, no decurso dos anos, ao sabor de incidentes e de acidentes da vida agitada daqueles mesmos dos quais o romance dá alguns exemplos típicos*", importa agora salientar que, passada a barreira dos oitenta anos e posta de parte uma intensa e actuante intervenção política, Manuel Tiago tem as mãos livres e dispõe do tempo necessário para arrumar todos os seus papéis e concluir o que no fio dos anos e no incessante combate não teve ocasião de arrumar, talvez por não desejar, como parece evidente, confundir as águas, misturar a acção política com a criação literária e, por uma clara influência política e partidária, levar a que os seus livros fossem quase de leitura "obrigatória".

Podemos assim afirmar que a "escrita" usada no processo narrativo dos romances anteriores se revela nitidamente tributária de um "neo-realismo" literário marcante nos anos 40 e 50, em cujo movimento estético Manuel Tiago conscientemente se integrou, e, mesmo com as possíveis "falhas" de estilo ou de inventiva ficcional, se pode dizer que pelas páginas densas e amargas da trilogia iniciada com *Até Amanhã*, *Camaradas* perpassa esse profundo e autêntico testemunho de quem sofreu muitos anos de prisão e na luta política forjou esse sonho de consolidar um mundo melhor e sempre mais justo, embora seja claramente visível a influência literária de Caldwell ou de Steinbeck, de Jorge Amado ou de Graciliano Ramos, que nesses anos tiveram uma acentuada importância cultural para os escritores neo-realistas portugueses, como Alves Redol, Fernando Namora, Manuel da Fonseca ou Carlos de Oliveira.

Mas seria talvez de esperar que *A Estrela de Seis Pontas*, no plano da sua própria estrutura narrativa e literária, avançasse no mesmo sentido de uma evidente denúncia do que foram os anos de luta contra o salazarismo no poder. E de algum modo assim acontece, apesar de a acção do romance decorrer na Penitenciária de Lisboa, em que um preso político convive e comunga dos anseios e das lutas de muitos outros presidiários ali fechados por crimes de delito comum, afastados de uma profunda razão de estar preso e sentir em absoluta consciência a perda da liberdade, defender outras ideias e combater com razão outros valores humanos e sociais. Mas a descrição ficcional do romance mostrou-se muito pouco incisiva na "verdade" do que desejava narrar, mesmo nos contornos psicológicos das personagens ou no uso e abuso de o narrador ter adoptados um certo "calão" prisional, que não valorizou nem enriqueceu muito o "sentido" literário e o ritmo narrativo desse romance.

Agora, com **A Casa de Eulália**, Manuel Tiago recupera, a sessenta anos de distância, as razões de um testemunho vivo com incidência nos dolorosos conflitos da Guerra Civil de Espanha. Por entre sinais de luta e de esperança, em tempo que foi antecipador de outras hecatombes na segunda metade deste século, o romance desvenda outras complicitades entre três portugueses que procuraram comungar das mesmas lutas ao lado de uma Espanha republicana, comunista e anarquista nos dias empolgantes de as gentes de Madrid se imporem ao levantamento fascista das tropas de Franco. Mas o que importa pôr em relevo, na verdade ficcionista como tudo desfila pelos fios da memória, nos actos de coragem e de generosidade, de luta e de fraternidade, é ainda o sentido memorialista desse tempo de esperança se redescobrir por entre valores humanos e literários que foram de ontem e são de hoje, ao mesmo tempo que Manuel Tiago, na força e lição de vida que proclama nas duzentas páginas deste romance, poder enfileirar por direito próprio nesse coro de vozes que sempre se ergueram na defesa das mesmas ideias: André Malraux ou Georges Orwell, Jean-Paul Sartre ou Hemingway, La Passionária ou Jorge Semprun.

Por último, podemos dizer que o que se impõe em **A Casa de Eulália**, pela verdade romanesca das suas páginas, é esse firme e combativo sentido denunciador das condições de clandestinidade e de combate de quem soube lutar (fossem eles Manuel, António ou Renato), com toda a dignidade, honra, esperança e coragem contra o fascismo franquista. E, na sentida evocação do que foi a Guerra Civil de Espanha (1936-1939), saber-se que este romance de Manuel Tiago nada fica a dever a algumas das melhores obras de ficção que são ainda referência necessária no entendimento dos postulados estéticos e ideológicos que definiram o neo-realismo literário português no domínio da poesia e da prosa de ficção.

Manuel Tiago

A CASA DE EULÁLIA

Editorial Caminho / Lisboa, 1997. **Serafim Ferreira**